INCENTIVANDO A APRENDIZAGEM DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Helena Steinmuller da Costa
Aluna
Maria Gorete de Medeiros
Professora
Tanielba Lêla Araujo
Aluna
UFCG / Campus I / CH / DE

1. Introdução

44

É muito comum ouvir-se dizer que o ser humano distingue-se dos outros animais por ser inteligente, criativo e sensível. Essa categoria só lhe é possível pela sua capacidade de pensar e de expressar o que está pensando através da linguagem.

A língua escrita é uma das manifestações da linguagem através da qual o homem se entalha na matéria e imortaliza o seu pensar e o seu agir, tornando-se um instrumento importante tanto em relação aos aspectos sócio-profissional quanto existencial do ser humano.

Mesmo assim, ao invés de evidenciar o reconhecimento de que a capacidade de escrever faz parte do potencial do ser humano, a sociedade tende a propagar a idéia de que escrever é um dom que nem todos possuem. Dessa forma, muitas pessoas acreditam que escrever é uma característica inata dos poetas e dos romancistas. Por isso, torna-se comum a emissão de frases como: "Eu não tenho jeito para a escrita", "Escrever não é meu forte".

A verdade sobre a habilidade de escrever em muito desmitifica essa concepção, a partir do momento em que se reconhece que qualquer indivíduo normal pode (e deve) ser um redator proficiente na língua materna. Para que isso ocorra, faz-se necessário que ele desenvolva habilidades específicas do ato de escrever, cabendo à escola a função preponderante de favorecer o

acesso à escrita, desde as séries iniciais, levando o aluno a uma prática de escrita, conforme o seu uso social.

No entanto, de acordo com nossas experiências enquanto alunas do curso médio e superior, além daquelas que nos foram possibilitadas nos contatos com classes do ensino fundamental, podemos afirmar que (ainda hoje) grande parte do alunado desses níveis de ensino revela significativas dificuldades para redigir textos capazes de oferecerem uma compreensão satisfatória a quem os lê. Essas dificuldades não são inerentes às pessoas, mas têm razões para existir. Dentre elas, está um insuficiente exercício de elaborações textuais, essencialmente na educação infantil e no ensino fundamental. Para validar essa conjectura, podemos afirmar que, segundo o que temos percebido na prática de ensino de algumas escolas públicas, os incentivos pedagógicos para propiciar produções textuais escritas tornam-se mais intensos a partir do 1° ciclo final.

Na disciplina Prática de Ensino/Estágio Supervisionado, do curso de Pedagogia, temos procurado desenvolver experiências de docência voltadas para uma reflexão teórico-prática a respeito do ensino da escrita em classe de Educação Infantil. Tais experiências têm-nos propiciado a oportunidade de verificar as possibilidades de ensino-aprendizagem de textos escritos a crianças que ainda não conseguem ler e escrever convencionalmente.

O presente relato tem como objetivos descrever alguns procedimentos adotados, e refletir sobre o seu papel de incentivador da aprendizagem da escrita nesse nível da escolaridade formal.

2. Experiência de escrita na Educação Infantil

2.1- Fundamentos teórico-metodológicos

A mudança significativa na orientação atual para o ensino da língua escrita resulta basicamente das contribuições teóricas sobre dois campos de estudo: o da aquisição da escrita e o do desenvolvimento da escrita. O primeiro diz respeito à aquisição do sistema de escrita, ou seja, das habilidades de transitar do sistema fonológico para o sistema ortográfico (escrever) e deste para aquele (ler). O segundo diz respeito à utilização do sistema de escrita para

a interação social, isto é, ao desenvolvimento das habilidades de produzir textos.

As reflexões aqui apresentadas se atêm mais à aquisição do sistema de escrita embora reconheçamos que se trata de momentos inseparáveis no processos de ensino-aprendizagem, pois, de acordo com o que lemos no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI – (1998) e em obras como a de Marcuschi (2001), se houver maior intensidade no ensino de produção textual escrita na Educação Infantil, maior será a probabilidade de, no 1° ciclo do Ensino Fundamental, ter-se alunos mais aptos a avanços expressivos em relação à habilidade de escrever textos.

De acordo com as idéias sobre a psicogênese da escrita infantil, a orientação para o ensino da escrita é a do princípio não linear, complexo, em que o aprendiz aprende a escrever agindo e interagindo com a língua escrita, com base em seus conhecimentos prévios sobre essa modalidade, formulando e testando hipóteses sobre as correspondências entre o oral e o escrito. Nesse contexto, as dificuldades do aluno são indicadoras do processo de construção do sistema de escrita, reveladoras, portanto, das hipóteses com que o aluno está atuando. Por essa razão, a leitura de textos na classe de Educação Infantil constitui-se numa atividade imprescindível para familiarizar a criança com as características da linguagem escrita. Trata-se de familiarizá-la com as características próprias dos gêneros textuais adequados para essa faixa da escolaridade.

Curto e outros (2000:68, vol. I) afirmam que desde muito cedo se pode ler e escrever, desde que não se encare o saber e o não saber a forma convencional de escrita como a única perspectiva, mas se privilegie a idéia de quando e como se sabe ler e escrever.

A esse respeito, de acordo com as idéias contidas no RCNEI (1998:146–V.3), podemos dizer que nesses momentos de criação textual a interação entre professor e alunos deve ocorrer numa cumplicidade que permita a quem ensina intervir sobre a estrutura do texto, mostrando determinados significados e propondo a substituição dos usos excessivos de expressões do tipo *"e", "aí", "daí"*, por conectivos mais adequados à linguagem escrita, bem como expressões que marcam temporalidade e causalidade (*"de repente", "um dia"* etc). Nesse processo, julgamos fundamental considerar e valorizar a capacidade de ler e escrever da criança.

2.2- *Algumas reflexões sobre duas atividades escritas na sala de aula*

Na intenção de vivenciar uma prática de ensino da escrita, de forma mais intensa, efetivamos numa classe de pré-escola 2, de uma creche municipal, 20 horas/aula de ensino multidisciplinar, com ênfase na leitura e produção de textos. Mesmo diante de tão pouco tempo, esforçarmo-nos para oferecer uma certa variedade de gêneros textuais nesse trabalho.

Com o objetivo de mostrar como vivenciamos essa experiência, passaremos a descrever duas atividades, sendo uma delas referente à produção de um texto a partir de uma rotina da classe e a outra a partir de uma história lida nesse ambiente.

Na primeira atividade, apresentamos para as crianças um *calendário* previamente traçado numa folha de papel madeira, para sua preparação em sala de aula (a denominação, a devida colocação dos nomes dos dias da semana e dos numerais do mês). Os registros escritos foram feitos por uma de nós, à vista das crianças, a partir da colaboração delas, formulando enunciações que revelaram a sua compreensão do que é um *calendário:* para que serve, que dados contém, como deve ser usado.

Nas aulas seguintes, foi promovido o sorteio de crianças para ajudarem a fazer o registro escrito das atividades realizadas durante as aulas, e/ou a ilustração correspondente. A princípio, esses registros abrangiam o que havia sido feito na aula anterior. Nesses instantes, a intenção pedagógica também foi provocar a compreensão infantil matemática referente aos conceitos de *ontem* e *hoje*.

Um dos diálogos que marcou este tipo de atividade é o apresentado a seguir:

Estagiária: – Vamos sortear uma criança para ajudar a "tia"?
Criança:– Eu quero ir!
Estagiária.– A tia sorteou um amiguinho, quem será?
Criança:– Eu sei!
Estagiária: – É "fulano"! Agora o amiguinho vem até aqui para escrever no calendário o que a gente fez na aula de ontem, tá bom?
Criança: – Eu só sei escrever de um jeito, tia.
Estagiária: – E como é esse seu jeito?

Criança: – Eu escrevo com o meu nome. (A criança quis dizer que só sabia escrever as letras do seu nome).
Estagiária: – Não tem problema, você pode escrever do seu jeito mesmo.

Depois deste diálogo, a criança sentiu-se segura e registrou no *calendário*, da maneira que sabia, o que tínhamos feito na aula anterior e o seu nome.

Nessa experiência, a criança dispôs-se a "escrever". Quando esta disposição não acontecia, era a estagiária quem escrevia a enunciação oral da criança. Neste caso, era solicitado à criança que fizesse um desenho para o que estava escrito.

Julgamos que a importância desta atividade esteve no fato de propiciar à criança percepções do tipo: usamos a escrita para registrar o que fizemos; o calendário serve para nos lembrar quando fizemos algo; para escrever algo usamos letras, ao invés do desenho.

Nessa ocasião, além de terem sido propiciados à criança atos de escrita tipo testemunho (quando ela via a estagiária efetivando o registro escrito do que havia sido feito no dia anterior), também lhe foi dada a oportunidade de refletir sobre o que é escrever e o que é desenhar. Isso é relevante já que, de acordo com Ferreiro (1990), a busca da diferenciação entre o desenho e a escrita, dentro do universo das marcas gráficas, constitui-se um fato importante na evolução da compreensão infantil a respeito dos conhecimentos da leitura e da escrita.

No caso específico da atividade em referência, percebe-se a consciência infantil de que sua escrita é diferente daquela que os adultos ou crianças maiores usam. Isto ficou explícito quando a criança falou " Eu só sei escrever de um jeito, tia", reforçando com a afirmação "Eu escrevo com o meu nome", quando quis explicar que as únicas letras de que dispunha para escrever qualquer nome eram as que faziam parte do seu próprio nome.

A análise desse comportamento infantil possibilita-nos dizer que, pelos conhecimentos de escrita que essa criança possuía (naquela época), ela já sabia que escrever e desenhar são atividades diferentes e que para escrever são necessárias letras e não garatujas. A atividade ora referida ofereceu à criança liberdade para exercitar a sua forma de escrita. Por isto, defendemos que ela seja usada com freqüência em classes pré-escolares, já que, com o tempo, a criança que exercita escritas pessoais espontâneas tende a aprimorar as suas concepções referentes à evolução do conhecimento da escrita de forma mais rápida do que aquela criança que

não vive essa experiência tão freqüentemente. Isto significa dizer que quanto mais cedo a criança começar a exercitar a escrita, mais rapidamente ela vai desenvolver suas habilidades referentes aos atos de ler e de escrever.

A outra atividade de escrita desenvolvida durante a nossa docência, escolhida para relatar, partiu da leitura da história denominada *"O Sorvete"*, contida em Bacha (1975:15-19), sendo esta distribuída em cinco dias. Todos os dias, uma de nós apresentava a leitura de um capítulo. Para realizar essas apresentações, utilizávamos um painel de TNT (tecido sintético) no qual afixávamos as gravuras correspondentes a cada capítulo da história.

Na oportunidade, desenvolvemos enunciações que motivaram as crianças a levantar hipóteses a respeito da parte da história que estava sendo apresentada. De certa forma, isto requeria que elas recapitulassem a parte que já havia sido contada, em especial, o capítulo anterior.

Em termos de resultado, achamos que isto favoreceu às crianças a prática de resumir o que já havia sido lido e de resgatar o encadeamento lógico da história. Também lhes proporcionou o exercício e o desenvolvimento da habilidade de emitir enunciações orais com características de linguagem escrita, uma vez que através da leitura auditiva elas se familiarizavam com as características da linguagem referente àquele gênero de texto.

Durante a leitura de cada capítulo, aproveitamos todas as chances para promover a escrita de textos em classe. Como exemplos, podemos citar o texto enumerativo referente aos ingredientes usados na produção doméstica do sorvete e o da sua própria receita.

Ao concluirmos a leitura de cada capítulo e a leitura completa da história, julgamos conveniente oferecer a uma das crianças a oportunidade de realizar a leitura incidental da obra lida. Observamos que, ao "ler" a história, a criança não fugia do enredo original e, em algumas partes, fazia a leitura do mesmo jeito que ouviu, tanto em relação às enunciações orais, quanto em relação à forma de segurar o livro (de frente para a classe), apontando com o dedo o que achava estar lendo.

Em termos de contribuições para a aprendizagem de escritas textuais, entendemos que ao exercitar a leitura a partir de uma outra efetivada de forma auditiva, a criança está reproduzindo oralmente uma linguagem que se manifesta na forma da escrita. Em tais situações, ao mesmo tempo em que ela percebe que o que enuncia oralmente corresponde ao que está escrito no texto, vai se

apropriando da idéia de que na linguagem escrita existem certas particularidades em relação à forma de dizer. Por outro lado, ao associar o movimento convencional que a professora usa para ler e escrever, a criança está adquirindo o conhecimento social que se constitui no fato de que tanto a escrita quanto a leitura são efetivadas da esquerda para a direita.

No momento em que foi efetivada a escrita dos ingredientes do sorvete, notamos que as crianças mostraram-se muito interessadas, uma vez que algumas delas já haviam declarado que queriam aprender como fazer o sorvete, para que suas mães também o fizessem em casa. Essa oportunidade de listagem foi aproveitada para a efetivação da análise dos nomes de dois dos ingredientes, de forma que as crianças denominaram cada uma das letras que os constituíam, identificando-as no abecedário e nos crachás que cada uma trazia preso ao peito.

Essa análise, ao mesmo tempo em que propiciou às crianças um clima de jogo lúdico, incentivou-lhes a se apropriarem do conhecimento dos nomes das letras e da memória das suas formas gráficas correspondentes, o que constitui um estímulo para ampliação do repertório das letras, conhecimento que muito lhes ajudará futuramente, para experimentar a hipótese de escrita referente à idéia de garantir a diferença das representações escritas de nomes diferentes, através da variação da seqüência de letras que usarão para representá-los.

O momento em que foi efetivada a escrita do texto referente à receita do sorvete foi muito empolgante, uma vez que já havia por parte das crianças o interesse de memorizá-la para ensiná-la à mãe, para que pudesse fazer o sorvete caseiro para a família. Esse foi um dos momentos da nossa docência em que sentimos o quanto é importante que o professor desenvolva produções escritas correspondentes ao interesse infantil. Tivemos a idéia de que a experiência de produção textual escrita não se encerraria ali, pois certamente, em casa, muitas daquelas crianças haveriam de ditar aquela receita para alguém da família que pudesse copiá-la e/ou executá-la juntamente com elas.

3. Considerações finais

Em princípio, durante a efetivação da nossa docência, ficamos receosas a respeito de como as crianças haveriam de se comportar durante a realização das atividades escritas, tendo em

vista o fato de que a forma como as estávamos planejando consistia numa novidade a que elas ainda não estavam acostumadas.

Para a nossa surpresa, percebemos que as crianças se sentiram motivadas a realizar as atividades e que o nível de envolvimento revelado denotava que o que estava sendo realizado era valorizado por elas. A atenção que cada uma reservava a tudo que acontecia nos momentos de produções textuais escritas era tão notória a ponto de que aquela que executava alguma tarefa parecia empenhada em realizá-la bem, enquanto as outras se esforçavam para cooperar com ela.

Mediante o que foi dito aqui, só nos resta ratificar a idéia de que ensinar produção textual escrita na *Educação Infantil* tanto é necessário quanto possível. Por essa razão, recomendamos ao professorado de classes pré-escolares que procure instituir, mais intensamente, o ensino da escrita centrado no texto, a fim de contribuir expressivamente para a aquisição de pré-requisitos que serão importantes para o desenvolvimento da habilidade infantil de produzir textos escritos.

REFERÊNCIAS

BACHA, Magdala Lisboa. *No mundo da linguagem*: livro 1, textos de leitura: comunicação e expressão, 1º grau. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (RCNEI). Brasília. V.3, 1998.

CURTO, Lluíz Marruny (org.) *Escrever e ler:* como as crianças aprendem e como o professor pode ensina-las a escrever e ler. Vol. I. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____ *Escrever e ler: materiais e recursos para sala de aula*. Vol. II. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita:* atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. A escrita... antes das letras. In: SINCLAIR, Hermine (Org.) *A produção de notações na criança*: linguagem, número, ritmos e melodias. São Paulo: Cortez, 1990. (Educação Contemporânea). pp.19-70.